

A CRISE HUMANA E A EDUCAÇÃO EM CRISE¹

THE HUMAN CRISES AND THE CRISIS IN EDUCATION

Lenir Keller²
Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

Vivemos em um mundo de crises de toda ordem social, cultural, ética, educacional, ambiental, política e econômica. É, sobretudo, uma crise humana e, portanto, o papel da educação no processo de formação da pessoa com compreensão de si e do mundo, com consciência e que desenvolve as humanidades é de extrema pertinência. Neste artigo, o principal objetivo é trazer para o debate o pensamento de Arendt, Morin e Nussbaun, evidenciar a importância da educação e realçar o ensino de humanidades como possibilidade de transformação humana, ética e democrática. A metodologia está embasada no estado da arte, na perspectiva da pesquisa qualitativa e na abordagem descritiva a partir de três obras selecionadas dos autores Arendt, Morin e Nussbaun relacionadas à História como cenário de interação com a educação. Pôde-se inferir que os estudos destes autores evocam o processo da crise pós-moderna de forma distinta, mas com óbvias convergências que conduzem à reflexão em paralelo com o desenvolvimento de uma “nova” ética e de uma mudança na educação.

Palavras-chave: Compreensão. Consciência. Humanidades.

ABSTRACT

We live in a world of crises of all social, cultural, ethical, educational, environmental, political and economic order. It is, above all, a human crisis and, therefore, the role of education in the process of formation of the person with understanding of himself and of the world, with conscience and who develops the humanities is extremely pertinent. In this article, the main objective is to bring to the debate the thinking of Arendt, Morin and Nussbaun, to highlight the importance of education and to highlight the teaching of the humanities as a possibility for human, ethical and democratic transformation. The methodology is based on the state of the art, from the perspective of the qualitative research and the descriptive approach from three works selected from the authors Arendt, Morin and Nussbaun related to History as a scenario of interaction with education. It could be inferred that the studies of these authors evoke the process of the postmodern crisis in a different way, but with obvious convergences that lead to reflection in parallel with the development of a “new” ethics and a change in education.

Keywords: *Comprehension. Consciousness. Humanities.*

1 Artigo elaborado nas disciplinas de Ética, Humanidades e Democracia e Fundamentos Epistemológicos, Curso de Mestrado em Humanidades e Linguagens - MEHL, Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria - RS

2 Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Acadêmica do Curso de Mestrado em Humanidades e Linguagens - MEHL, Universidade Franciscana - UFN. E-mail: lenirkeller@yahoo.com.br

3 Professora do Ensino Médio na Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta III no Mestrado em Humanidades e Linguagens - MEHL, Universidade Franciscana - UFN. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Vivencia-se o século XXI, na era pós-moderna, caracterizada pelo elevado desenvolvimento tecnológico, pelo progresso estrondoso nas ciências duras e venerada nas conquistas da medicina, nos deslocamentos dos supersônicos, nas viagens intergalácticas, na conectividade instantânea, no amplo acesso a informações e fatos e na variedade inimaginável de bens e produtos para o conforto e consumo. Porém, é também uma era conflituosa, marcada por desigualdades sociais, domínio da indiferença, individualismo, intolerância, ansiedade, caos urbano e sinais de esgotamento dos recursos naturais. Enfim, descortinam-se crises de toda ordem: social, cultural, ética, educacional, ambiental, política e econômica. O mundo pós-moderno tem enfrentado problemas complexos sem alcançar desdobramentos minimamente aceitáveis para encaminhamentos de novas possibilidades de vida integrada e integral para todos e, também, para o Planeta.

Neste contexto, de crises generalizadas, ambientais e sociais, a educação tem sido objeto de discussões, debates, análises e reflexões para o entendimento de como esta deve se constituir neste período histórico de mudanças, de tensões, de interesses e de incertezas para, enfim, trazer caminhos de mudanças que promovam um novo pensamento, uma nova sociedade evoluída e sua humanidade.

A crise antes de ser uma crise ambiental e social, é uma crise humana. Desde o pós-Guerra que o papel da educação no processo de reprodução social e cultural tem sido debatido e, portanto, as reflexões de pensadores como Hanna Arendt (1906-1975), Edgar Morin (1921) e Martha Nussbaum (1947), lançam importantes admoestações sobre a crise humana e trazem para o debate importantes questões históricas que indicam caminhos para a reforma do pensamento humano. Os estudos destes autores denunciam o processo da crise pós-moderna e, ao mesmo tempo, apontam para caminhos que podem levar ao resgate do futuro da humanidade.

Assim, neste artigo, buscou-se trazer para o debate o pensamento de Arendt, Morin e Nussbaum, evidenciar a importância da educação e realçar o ensino de humanidades como possibilidade de transformação humana, ética e democrática.

METODOLOGIA

A metodologia está embasada no estado da arte, na perspectiva da pesquisa qualitativa e na abordagem descritiva a partir das obras de Arendt, Morin e Nussbaum relacionadas à História como cenário de interação, para destacar a importância da educação e, especialmente, o ensino de humanidades. O percurso do pensamento dos autores foi delimitado a partir de três principais obras: “Eichmann em Jerusalém” de Hanna Arendt, salientando a **compreensão** como forma de aprender a lidar com nossa realidade; “O pensamento complexo” de Edgar Morin, destacando a tomada da **consciência** do erro como o primeiro passo a minimizar a ilusão e a cegueira do pensamento; “*Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades*» de Martha Nussbaum, afirmando que a democracia precisa das **humanidades** (figura 1). E, por fim, insere-se algumas considerações comentadas por Eldon Henrique Mühl a partir de Jürgen Habermas, filósofo alemão, que pondera sobre a transformação da educação como mercadoria e as consequências para o sistema educacional.

As informações bibliográficas e as discussões no texto condicionaram a elaboração do infográfico denominado «O resgate do futuro».

Figura 1 - Autores Arendt, Morin e Nussbaum e as respectivas obras em análise neste artigo.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/>. Adaptado pelas autoras.

DA BANALIDADE DO MAL AO PENSAMENTO COMPLEXO E O RESGATE DAS HUMANIDADES NAS OBRAS DE ARENDT, MORIN E NUSSBAUM

Os estudos de Arendt, Morin e Nussbaum denunciam o processo de uma crise no pós-Guerra de forma distinta, mas com convergências pertinentes que permitem a reflexão para a atual crise na educação e suas configurações. Parte-se de três obras principais para balizar a reflexão e busca-se reforços nos comentadores para, assim, superar a crise na educação e alcançar a oportunidade para o novo, emancipação e cultivo das humanidades.

HANNA ARENDT - ENFOQUE NO TOTALITARISMO E NA CRISE HUMANA

Hanna Arendt, nascida Johanna Arendt no dia 14 de outubro de 1906 no subúrbio de Linden, em Hannover, tornou-se uma das teóricas políticas mais influentes do século XX. Fugiu do nazismo em 1933 e, quatro anos depois, perdeu a nacionalidade alemã e virou apátrida até se tornar cidadã norte-americana, em 1951. Faleceu em Nova York, no dia 4 de dezembro de 1975, aos 69 anos (CORREIA, 2006).

Arendt defendeu um dos princípios básicos das democracias modernas e seu principal conceito, o de pluralismo político, baliza a importância de existir igualdade política e liberdade, com tolerância e respeito às diferenças, visando à inclusão. A relação-chave do pluralismo político é a que se verifica entre as representações e as ações dos indivíduos, entendido na ausência de uma visão da sociedade definida por um só grupo ou por uma só pessoa (totalitarismo).

Em sua obra célebre “As origens do totalitarismo” (1989), a autora faz um mergulho intenso no cenário do século XX e traz à tona o impensável: o surgimento de estruturas de poder voltadas para uma forma total de dominação, que não se detêm nem mesmo diante da tarefa monstruosa de eliminar populações inteiras, para fazer triunfar ideias abstratas e crenças na superioridade de raças e de ideologias.

Na visão de Arendt, o totalitarismo descende do radicalismo, da negação à liberdade e no colapso da moralidade e, em sua concepção, o aborda como forma de governo e de dominação, baseado na organização burocrática de massas, no terror, na ideologia e na ausência de democracia. Arendt não apenas aponta o colapso moral dos regimes de governos, pela ótica dos criminosos, mas do comportamento das pessoas comuns, que se ajustaram ao cunho predominante e perderem em si a essência da moral. Em tais personagens, as pessoas comuns, vem à luz o perigo iminente que decorre da diluição e perda de si mesmo no anonimato coletivo.

Sob este aspecto, a obra de Arendt “Eichmann em Jerusalém” (1999) é resultado de um relato sobre o processo e o julgamento de Adolf Eichmann, realizado em Jerusalém em 1961.

Em 1960, o sequestro do foragido Adolf Eichmann num subúrbio de Buenos Aires, Argentina, por um comando israelense, e extradição para Jerusalém, expõe para o mundo o que deveria ser o maior julgamento de um carrasco nazista depois do tribunal de Nuremberg⁴. Mas, durante o processo, em vez do monstro sanguinário que todos esperavam ver, surge um funcionário medíocre, um arrivista incapaz de refletir sobre seus atos ou de fugir aos clichês burocráticos. É, portanto, sob este aspecto que Arendt desenvolve o olhar lúcido e descobre a “banalidade do mal”, ameaça maior às sociedades democráticas e traz para a reflexão filosófica a capacidade do Estado de transformar o exercício da violência homicida em mero cumprimento de metas e organogramas. Talvez esta tenha sido a obra mais polêmica de Hannah Arendt, mas, graças a esses pensamentos e sua reivindicação da discussão política livre, a filósofa teve um papel relevante nos debates sobre o assunto até hoje.

Em sua vida e em sua obra, Hannah Arendt viveu o sombrio século XX. Ao mesmo tempo, traduziu o esforço do pensamento para alcançar a compreensão desta época, em seus movimentos mais extremos e em suas bases mais profundas. Segundo Correia (2006), Arendt buscava antes de tudo compreender. E a **compreensão**, em suas palavras, é “uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo” (ARENDR, 1993, p. 39). E, é a partir dessa compreensão e das inserções argumentativas do filósofo Jürgen Habermas (considerando os estudos professor Eldon Henrique Mühl) que se busca, também, trazer Arendt para o debate sobre a crise na educação, ligando

4 O Tribunal de Nuremberg foi um tribunal militar internacional para julgar o alto escalão nazista por crimes de guerra e contra a humanidade durante a Segunda Guerra Mundial. Os procedimentos duraram 315 dias (de novembro de 1945 a outubro de 1946) e aconteceram no Palácio da Justiça de Nuremberg, na Alemanha. A cidade, que simbolizava um dos bastiões nazistas, foi escolhida pelos aliados para desmistificar a aura do regime de Adolf Hitler.

seu pensamento sobre os sistemas totalitários e os desdobramentos no sistema educacional americano e no mundo inteiro, através do ensaio “Crise na Educação”, de 1957⁵.

EDGAR MORIN - A RETOMADA DA CONSCIÊNCIA

Edgar Morin, nascido Edgar Nahoum em 8 de julho de 1921 na cidade de Paris, França, é antropólogo, sociólogo e filósofo e considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos do campo de estudos da complexidade.

O mundo sempre foi e sempre será complexo, apesar de, na ciência a partir de Bacon e Descartes, predominar o pensamento racional e, a partir/apoiado no do pensamento cartesiano, a humanidade engendrou na compartimentação das coisas e de certa forma perdeu o elo de pensar e perceber que tudo está interligado. A metodologia científica era reducionista e quantitativa e a lógica do pensamento ocidental era regulada pela lógica homeostática para manter o equilíbrio do discurso sem oportunizar a contradição e a antítese. Assim, durante muito tempo, o paradigma do pensamento Ocidental era irrefutável pois estava baseado unicamente em seus argumentos e na práxis ocidental, caracterizada como antropocêntrica, etnocêntrica e egocêntrica, sem abertura para a dialética da contradição.

Para reencontrar o caminho para a percepção e compreensão da complexidade, segundo Morin (2007), há necessidade de desafios como reconhecer-se, refletir-se, situar-se, problematizar-se e reformar-se para o “novo mundo”. Quando desafiados conseguimos admitir e reconhecer que o mundo é um todo complexo temos de, necessariamente, adotar os códigos e princípios cognitivos da complexidade para compreendê-lo em sua totalidade. Portanto, impõe-se, por esta razão, a necessidade de reformular as bases legitimadoras e instituir outras formas de processar o conhecimento.

Em suas considerações sobre a complexidade, no entanto, Morin (2007) alerta sobre as armadilhas do conhecimento e instiga para a reflexão e para a consciência de não aceitar “as verdades prontas” e difundidas com legitimidade por instituições, mídias, governos e religiões. Para Morin (2007), há uma incapacidade em conceituar de forma clara, cristalina e compreensível o real. Os fenômenos são interpretados e estão alicerçados em paradigmas e conceitos pré-existentes e aceitos como “verdades”, uma vez que emanam credibilidade pela difusão repetitiva, autônoma e isolada.

A teoria da comunicação evidencia que existe o risco do erro no ato de comunicar-se, sob o efeito de perturbações aleatórias ou de ruídos em qualquer transmissão de informação e em qualquer comunicação de mensagens. Os erros podem induzir ilusões e interpretações aleatórias ou produzir cegueiras a partir da veiculação de informações dominantes e totalitárias que interessam e servem, especialmente, a alguns setores sociais, políticos ou econômicos. Produzir a cegueira e a ilusão podem compor a meta de corporações ou de elites (econômicas, políticas, religiosas) para exercer o domínio do território e nele introduzir as territorialidades que venham de encontro aos interesses corporativos de dominação e às ideias totalitárias. E, é disso que emana o erro e a ilusão do conhecimento que se, apenas repetido de forma isolada e compartimentada, encaminham para a cegueira de não ver o mundo real como ele é.

Segundo Morin (2000), o conhecimento não é o espelho das coisas do mundo. Todas as impressões são reconstruções cerebrais com base nos estímulos captados pelos sentidos e disso pode resultar

5 «The crisis in Education» foi pela primeira vez publicado na *Partisall Review*, 25, 4 (1957), pp. 493-513.

erro de percepção. Ao erro de percepção pode-se somar o erro intelectual. O conhecimento sob forma de teoria (de palavra ou símbolos) é fruto de uma tradução por meio da linguagem e do pensamento humano e, por conseguinte, está sujeito ao erro.

Portanto, para Morin (1994), tomar a **consciência** do erro é o primeiro passo a minimizar a ilusão e a cegueira do pensamento. Cabe, também, a educação formal, não-formal e informal, o papel de mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, condicionado pelo erro e pela ilusão.

Para Morin (1994, p. 11), “consciência sem ciência e ciência sem consciência são radicalmente mutiladas e mutilantes. Os caminhos para a complexidade são, ao mesmo tempo, os de um conhecimento que tenta compreender-se a si próprio, isto é, de uma ciência com consciência”.

Morin (1994), ainda recomenda que a evolução do conhecimento científico não deverá ser encarada, unicamente, como crescimento e extensão do saber, mas também, como transformações, rupturas e passagem de uma teoria para outra, na qual a consideração da dualidade incerteza-certeza constrói os percursos a serem trilhados. A ideia do autor, portanto, é de uma ciência a serviço da sociedade e daí a necessidade de um autoconhecimento da própria ciência.

MARTHA NUSSBAUM - A IMPORTÂNCIA DAS HUMANIDADES

Martha Nussbaum, nascida em Nova York, Estados Unidos, no dia 6 de maio de 1947, tornou-se uma das mais célebres filósofas do século XX e XXI, especialmente dedicada em filosofia política e ética.

A contar desde a segunda metade do século XX e, especialmente, após a mundialização do capitalismo, no final do século XX, tem-se o descortinar de uma nova era e de um novo mundo. As tecnologias permitem a integração planetária em tempo real e a produção e o consumo viraram as características eloquentes da contemporaneidade. Tem-se, constantemente, a impressão de que a técnica, a rapidez e a fluidez ditam as regras da convivência e, muitas vezes, as aparências do “ter” superam a essência do “ser”. Vive-se uma nova forma de escravidão, dogmatizada pelas novas necessidades e modismos que surgem, de maneira periódica, e são colocadas pelos meios de comunicação de massa como vitais. E, nessa nova sociedade, passa a imperar um pensamento único de consumo de mercadorias que são comercializadas constantemente e que contribuem para a massificação do pensamento, que difunde a mensagem dominante e alienante do sistema, de forma que tudo é produzido para ser descartado, seja pela obsolescência planejada ou pela obsolescência perceptiva. Na vida social ocorre um crescente isolamento, pois na sociedade do “ter” temos mais coisas, mas temos menos tempo para pensar, refletir e viver com aquilo que realmente nos faz felizes. Dessa maneira, o individualismo cresce cada vez mais personificando uma sociedade individualista, consumista e que pouco reflete sobre as reais bases de uma sociedade planetária, solidária e ecologicamente sensível às necessidades das gerações do futuro.

Neste contexto, as ideias de uma das filósofas mais importantes da contemporaneidade, Martha Nussbaum trazem um importante ponto de inflexão para a educação e para a manutenção das democracias. Nussbaum (2015), alerta as sociedades ocidentais sobre o risco ao priorizar o conhecimento técnico em detrimento do ensino de humanidades, para a derrocada dos fundamentos da democracia e adverte para a emergência de um modelo cultural que se assemelha a regimes autoritários já preconizados pela História recente da humanidade.

Nussbaum fomenta o debate da crise na educação com a obra 'Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades' (2015), denunciando a vigência de sistemas educacionais comprometidos com a promoção do lucro, estando os valores humanos e democráticos em risco. No foco das discussões e debates predominam abordagens de viés político e econômico.

A principal linha de advertência de Nussbaum consiste no argumento de que os sistemas democráticos não sobrevivem sem o estímulo à imaginação e ao pensamento crítico, habilidades que, segundo a autora, são desenvolvidas, ainda que não exclusivamente, pela arte e pela filosofia. No centro do argumento de Nussbaum está a noção do desenvolvimento de um sistema de educação comprometido com o pensamento humano, a reflexão e a 'imaginação empática' fundamentada na capacidade de colocar-se no lugar do outro. E sob este aspecto, a democracia precisa das **humanidades**.

A partir das ideias contidas nas obras evidenciadas dos autores Arendt, Morin e Nussbaum, e tomando por linha condutora da reflexão, as palavras "compreensão", "consciência" e "humanidades", procurou-se trazer o debate sobre a crise na educação e suas configurações.

A CRISE NA EDUCAÇÃO E SUAS CONFIGURAÇÕES

Arendt, na segunda metade do século XX, desenvolve a pertinente reflexão sobre os sistemas de dominação e confronta a humanidade com a difícil tarefa de olhar para si mesma e constatar as barbáries cometidas em nome do poder. A autora, de forma contundente, já expressa a ideia do radicalismo e analisa as atitudes humanas e o colapso da moral e da ética, para dar lugar às ideologias que servem poucos e dominam muitos que, geralmente, não compreendem os próprios destinos por ausência da educação ou da presença de uma educação doutrinária.

Nas últimas décadas do século XX, Morin alerta para a cegueira e a ilusão do conhecimento já existente e replicado nos sistemas de ensino e de conduta humana. Para Morin (1994) há necessidade de uma reforma no pensamento, na educação formal, não-formal e informal, para que estas assumam o papel de mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, condicionado pelo erro e pela ilusão. Percebe-se que os pensadores indicam que há uma crise no pensamento, na educação e, portanto, na humanidade.

Sob esse aspecto, Arendt através do ensaio "A crise na educação", preocupou-se em descrever a existência de uma crise de abrangência mundial, detendo-se nas questões educacionais:

A crise geral que se abate sobre o mundo moderno e que atinge quase todas as áreas da vida humana manifesta-se diferentemente nos vários países, alargando-se a diversos domínios e revestindo-se de diferentes formas. Na América, um dos aspectos mais característicos e reveladores é a crise periódica da educação a qual, pelo menos na última década, se converteu num problema político de primeira grandeza de que os jornais falam quase diariamente (ARENDR, 1957, p. 01)

A autora discorre sobre a crise educacional na sociedade americana, envolvendo o contexto familiar e ampliando para o político, dada à complexidade que os sistemas educacionais desempenham na modernidade e também pela incapacidade das autoridades enfrentarem o problema com resolutividade.

Aponta, ainda, três pressupostos relevantes que configuram as dificuldades modernas na educação: esvaziamento da autoridade familiar e da escola, o ensino propriamente dito e o pragmatismo, com o predomínio do fazer sobre o aprender.

No tocante ao esvaziamento da autoridade familiar e da escola, um dos aspectos diz respeito à valorização do mundo criança e o esvaziamento da autoridade familiar e da escola, sendo que “as relações reais e normais entre crianças e adultos [...] estão, portanto, hoje quebradas” (ARENDT, 1957, p. 06).

Na era moderna, a criança, antes submetida à autoridade familiar, teve seu espaço ampliado, sendo-lhe assegurada autonomia e emancipação, cabendo aos adultos o papel de acompanhar o mundo infantil, ficando aquelas entregues a si mesmas, sujeitas às vivências de um universo sem limites. Desta forma, a educação moderna, ao criar o mundo das crianças e os seus domínios, comprometeu os processos de desenvolvimento e crescimento, consolidando-se “o século da criança”, nas palavras de Arendt (1957, p. 09).

A segunda ideia base discutida associa a crise na educação ao ensino, concepções e métodos. Para a autora, a supremacia de um ensino voltado num saber geral, com os saberes específicos em um segundo plano, acarreta sérios prejuízos nos processos de escolarização. Como consequência, o professor sabe pouco mais que o aluno, pois a formação em áreas específicas está sendo negligenciada, sua autoridade torna-se enfraquecida diante dos alunos, perdendo-se a ação pedagógica em generalizações do conhecimento. Sobre essas considerações, a autora assim se manifesta:

Pense-se o que se pensar, o professor é ainda aquele que sabe mais e é mais competente. Em consequência, o professor não autoritário, aquele que, contando com a autoridade que a sua competência lhe poderia conferir, quereria abster-se de todo o autoritarismo, deixa de poder existir (ARENDT, 1957, p. 06)

O terceiro pressuposto abordado relaciona-se a preponderância de uma concepção pragmática da educação, tanto na formação de professores quanto nos programas de ensino com a intenção de “[...] substituir, tanto quanto possível, o aprender pelo fazer” (ARENDT, 1957, p. 7). Como resultado, lacunas na formação das crianças e adolescentes quanto à apropriação de conhecimentos dos programas escolares e a difusão de escolas profissionalizantes. A execução pragmática das tarefas sem a compreensão da totalidade do processo ou a reflexão sobre a real necessidade do “fazer pelo fazer”. Há uma trivialidade generalizada e uma ausência de racionalidade na interpretação das coisas, ou seja, repete-se o que a maioria faz e toma-se como verdade aquilo que todos acreditam sem, muitas vezes, conhecer a razão dos fatos e das circunstâncias.

Sob este aspecto e para reforçar a linha de pensamento de Arendt, é interessante trazer as ponderações do filósofo alemão, Jürgen Habermas, sobre a transformação da educação como mercadoria e as consequências para o sistema educacional. Habermas é um dos mais importantes intelectuais contemporâneos e conhecido por suas teorias, sendo a racionalidade um dos temas centrais de suas obras. Mühl (2011, p. 1036) afirma que a preocupação de Habermas é “reabilitar a ideia segundo a qual a razão é o principal recurso - senão o único - de que a humanidade dispõe para resolver seus conflitos e encontrar alternativas de solução para seus problemas”.

Na perspectiva de Mühl (2011), a racionalidade diz respeito à disposição de sujeitos capazes de falar e agir, de buscar entendimento acerca do mundo, orientando-se “pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo” (MÜHL, 2001 apud HABERMAS, 2000, p. 437). Seria um novo modo de pensar a racionalidade, diante da modernidade, como abertura para a comunicação com o(s) outro(s) e com o mundo, favorecendo a formação de uma rede de interações sociais para buscar possíveis soluções aos problemas do mundo da vida, através do consenso, estabelecendo-se, assim, a racionalidade comunicativa em contraposição à racionalidade instrumental.

Para se valer das considerações de Habermas relacionando-as à educação, é necessário compreender suas ideias sobre a teoria da modernidade, pautada pela razão, que predomina no mundo da vida e que também orienta as ações do mundo sistêmico, bem como as relações de oposição, dependência e dominação existentes entre ambos.

Inicialmente, o mundo da vida determinava o mundo sistêmico, porém, na contemporaneidade, a situação se inverteu de tal forma que este último, através das estruturas do poder e do dinheiro, domina e controla o primeiro, trazendo sérias consequências para a educação, processo denominado, por Habermas, como “colonização do mundo da vida” (MÜHL, 2011, p. 1039). Desta forma, as escolas têm educado para a subserviência, colocando em prática planejamentos administrativos predominantemente tecnocratas, perdendo assim o elo com o mundo da vida e comprometendo os processos de construção comunicativa de conhecimentos, cultura e valores. A escola

[...] perde a possibilidade de tornar-se um espaço público, em que os indivíduos desenvolvem a racionalidade do saber de forma participativa e aprofundam a solidariedade humana e a autonomia individual na convivência democrática entre todos. Ao invés de um espaço público de aprendizagem da convivência humana, torna-se, predominantemente, um lugar de aquisição de habilidades e de informações técnicas necessárias para a inserção do indivíduo no sistema do poder e do dinheiro (MÜHL, 2011, p. 1040).

Porém, a pior das consequências do domínio da dominação sistêmica é a mercantilização da educação, trazendo como prejuízos a competitividade, busca pela eficiência, distanciamento e esvaziamento nas relações escolares, neutralidade na abordagem dos conhecimentos, em direção à impessoalidade e “autocoisificação” dos homens (MÜHL, 2011, apud HABERMAS, 1994, p. 74)

Sob este aspecto, da crise humana, Martha Nussbaum (2015) declara que “estamos em meio a uma crise de enormes proporções e de grave significado global”. Neste cenário de desequilíbrio, Nussbaum chama a atenção para a existência uma crise silenciosa, que diz respeito à educação, a mais profunda de todas:

Não, refiro-me a uma crise que, como um câncer, passa em grande parte despercebida; uma crise, no longo prazo, provavelmente será muito mais prejudicial para o futuro dos governos democráticos: uma crise mundial de Educação (NUSSBAUM, 2015, p. 3).

Para Nussbaum (2015), as políticas educacionais estão em consonância com os interesses econômicos dos países, deixando de lado o desenvolvimento humano, colocando em risco o sistema

democrático. Para a autora, estão sendo produzidas “máquinas lucrativas” e não “cidadãos íntegros”, capazes de pensar, criticar e se colocar no lugar do outro intersubjetivamente.

Também é anunciado por Nussbaum (2015) que as humanidades e artes estão sendo descartadas dos currículos escolares em quase todos os países do mundo, consideradas pelos governantes como “enfeites inúteis”. Portanto, o desenvolvimento da criatividade, do raciocínio, do pensar, da criticidade, capacidade perceptiva e ética está perdendo espaço para as disciplinas que melhor propiciam a formação das “competências lucrativas”. Cabe ressaltar que a importância da formação profissional não está sendo questionada, mas sim o reducionismo da função da escola voltada apenas para a área técnica e o consequente esvaziamento da formação para o desenvolvimento humano.

Um exemplo encontramos aqui no Brasil com a reforma do Ensino Médio, aprovada em 2018, embora muito questionada, viabilizou a ausência da obrigatoriedade da oferta das disciplinas de Filosofia e Sociologia, disciplinas essenciais para a formação de cidadãos críticos e com autonomia, consolidando os verdadeiros objetivos da referida reformulação: formar mão de obra com as competências necessárias para atuar no mercado de trabalho.

Nestes tempos de crise, os países têm buscado avidamente o crescimento econômico. Nussbaum (2015) apresenta as contradições dos modelos econômicos vigentes que se preocupam com o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), o que não tem garantido, proporcionalmente, qualidade de vida para a população, igualdade social e vivências democráticas. Nesse sentido, a autora afirma:

Portanto, produzir crescimento econômico não significa produzir democracia. Nem criar uma população saudável, participativa e educada em que as oportunidades de uma vida estejam ao alcance de todas as classes sociais. No entanto, hoje em dia todo mundo é a favor do crescimento econômico [...] (NUSSBAUM, 2015, p. 15)

Na verdade, este movimento mundial de adequação da educação à formação de competências lucrativas tem desviado o olhar dos problemas globais complexos e gerado alienação, conformismo e perda de valores essenciais para a democracia.

A CRISE NA EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADE PARA O NOVO, EMANCIPAÇÃO E CULTIVO DAS HUMANIDADES

Após adentrar no universo da crise na educação, os autores abordados trazem reflexões e possibilidades para enfrentamento deste cenário.

Para Arendt (1957), a própria crise serve como oportunidade para se investigar o que estaria descoberto. Na verdade, os sistemas educacionais, de tempos em tempos, precisam ser repensados, pois a constante evolução da vida humana, na medida que alcança determinado estágio de desenvolvimento, cria novas demandas, as quais, na modernidade, têm apresentado um ciclo célere de mudança de paradigmas. Também apresenta reflexões sobre a condição humana e a continuidade da vida, questionando a capacidade humana de se reorganizar através do tempo para preservar sua existência.

O mundo é criado por mãos humanas para servir de casa aos humanos durante um tempo muito limitado. Porque o mundo é feito por mortais, ele é perecível. Porque os seus habitantes estão continuamente a mudar, o mundo corre o risco de se tomar tão mortal como eles. Para preservar o mundo contra a mortalidade dos seus criadores e habitantes, é necessário constantemente restabelecê-lo de novo. O problema é saber como educar de forma a que essa re-colocação continue a ser possível, ainda que, de forma absoluta, nunca possa ser assegurada (ARENDT, 1957, p. 12).

Para a autora, a crise na educação nos remete à necessidade de reinventar os processos de ensinar e aprender, numa adequação entre mudança e conservação, sendo cada nova geração a esperança de trazer novidades para os velhos problemas, rompendo com a ideia de educar para a perpetuação do mundo que já está posto.

Sugere a natalidade como oportunidade de renovação e de construção de novos modelos mais razoáveis em substituição aos que estão vigentes, os quais se encontram em situação de falência, pois, junto com o nascimento, vem o novo, a possibilidade de "começar um mundo novo com aqueles que são novos por nascimento e por natureza" (ARENDT, 1957, p. 3).

A autoridade no âmbito familiar e escolar deve existir não como sinônimo de opressão, mas sim como responsabilidade e mediação do mundo privado para o público. A privacidade do lar deveria ser um espaço de proteção da criança. Já no espaço público, a criança deve ser introduzida aos poucos, vivenciando o mundo como ele é para assumir suas responsabilidades como ser humano, como afirma Arendt (1957, p. 08): "Assim, a criança, objeto da educação, apresenta-se ao educador sob duplo aspecto: ela é nova num mundo que lhe é estranho, e ela está em devir. Ela é um novo ser humano e está a caminho de vir um ser humano".

O grande desafio da educação é a mediação entre o mundo privado e o público, buscando um equilíbrio entre os pressupostos autoridade, tradição e renovação, através do nascimento, numa espécie de equação não exata, mas flexível e sensível às necessidades diferenciadas de cada tempo ou era, acrescidos os elementos amor e responsabilidade pela vida e pelo mundo.

As considerações de Mühl (2011) sobre Habermas e suas contribuições para a educação deixam claro que não existem soluções simples para um contexto tão complexo, mas que é necessário "uma análise efetivamente crítica e transformadora", sendo proposto aos professores o desafio de se tornarem "críticos permanentes e incansáveis desta racionalidade sistêmica que começa a atingir a educação" (MÜHL, 2011, p. 1042) e, desta forma, a educação, através de um processo de conscientização, poderia contribuir para a "instauração de uma sociedade mais justa, equilibrada e racional" (MÜHL, 2011, p. 1043)

A teoria de Habermas é apresentada como uma referência para as escolas voltarem a ser um espaço de reflexão, do pensar, sendo o exercício da racionalidade comunicativa uma possibilidade de resistência, reconstrução e superação da dominação do mundo sistêmico, em direção à libertação e emancipação. Mühl (2011, p. 1043), referindo-se a Habermas, afirma que "O autor reacende a crença no poder da racionalidade humana, levando-nos a acreditar que a razão é capaz de reconstruir e superar as limitações de certas concepções produzidas por ela mesma".

Em continuidade, Habermas sugere uma abordagem crítica e reconstrutiva da relação teoria e prática, via ação comunicativa, na tentativa de suplantar a visão reducionista imposta pelo tecnicismo predominante nos modelos atuais de educação, através do "reacoplamento da ciência e da técnica ao mundo da vida", restabelecendo "a unidade dialética teoria e prática" (MÜHL, 2011, p. 1044).

Por último, são apresentadas ponderações sobre o papel da filosofia da educação no contexto atual de crise que seria de intérprete e mediadora, "de guardião da racionalidade comunicativa, promovendo a crítica do agir pedagógico e vigiando para que o espaço público do discurso em sala de aula se mantenha acessível a todos os concernidos [...]" (MÜHL, 2011, p. 1044).

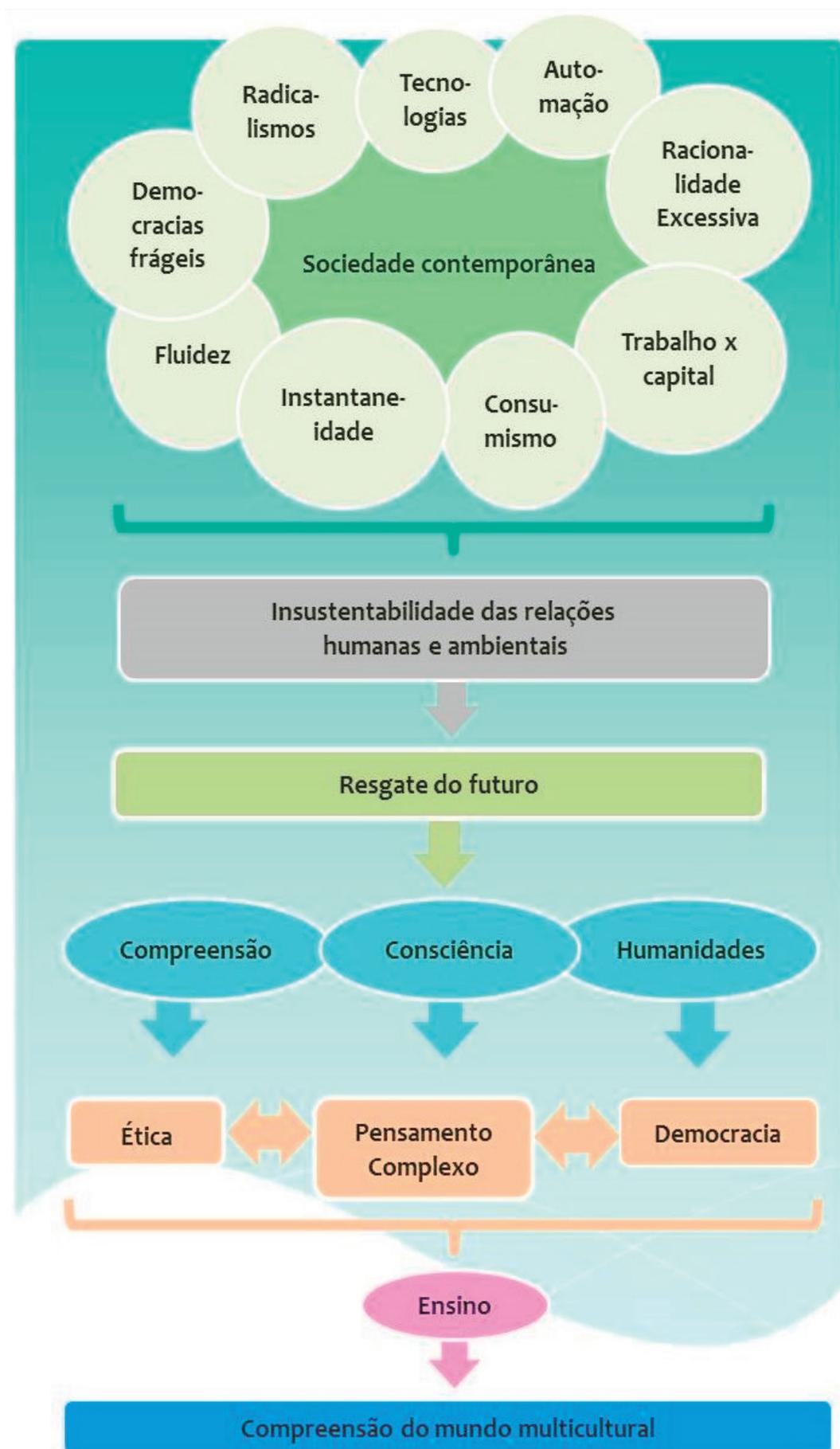
Face aos atuais modelos econômicos voltados para o lucro, para o crescimento econômico, causadores da crise na educação, Martha Nussbaum apresenta um novo paradigma denominado 'Modelo de Desenvolvimento Humano', o qual prioriza oportunidades para todos, direitos à vida, à saúde, à integridade física, à liberdade política e à educação. A autora afirma que "Esse modelo de desenvolvimento reconhece que todos os indivíduos possuem uma dignidade humana inalienável que precisa ser respeitada pelas leis e pelas instituições" e está "[...] comprometido com a democracia" (NUSSBAUM, 2015, p. 25). Para tal, algumas capacidades precisam ser desenvolvidas, entre elas: raciocínio, argumentação, reconhecimento dos concidadãos como iguais e também diferentes, entendimento de assuntos complexos, julgamento crítico, valorização do bem comum sobre o individual ou local. Desta forma, o ensino deve oportunizar o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação, fundamentais para a democracia. O esperado é que cada um assuma suas ideias, seja capaz de dialogar, mudar de opinião com o outro e alcançar encaminhamentos pacíficos para os conflitos, estando o respeito mútuo resguardado.

A referida autora afirma que " Os cidadãos não conseguem se relacionar de maneira adequada com o mundo complexo que os rodeia unicamente por meio do conhecimento factual e da lógica" (NUSSBAUM, 2015, p. 95). Por isso, defende a inclusão no currículo escolar das humanidades e das artes para o desenvolvimento da imaginação narrativa, da empatia, da compaixão, da compreensão do mundo pelo olhar do outro, experiências com questões de gênero, raça, etnia, outras culturas, ou seja, uma formação voltada para os valores democráticos. Nesse sentido, Nussbaum se reporta às afirmações de Ellison e Tagore, expressando que:

[...] para alcançar a compreensão plena de que o cidadão democrático precisa, não basta saber que os estigmas sociais e a desigualdade existem; ele tem que passar pela experiência de participar da posição estigmatizada, algo que tanto o teatro como a literatura possibilitam (NUSSBAUM, 2015, p. 107).

A superação de paradigmas que veneram a superficialidade da existência humana produzida pela ausência de pensamento crítico e complexo pode encaminhar para o novo devir humano, um processo de mudanças efetivas na evolução de vida e na compreensão do mundo multicultural (Figura 2).

Figura 2 - Compreensão, consciência e humanidades como paradigmas do resgate do futuro humano na Terra.



Nussbaum (2015) defende que o estímulo à imaginação ao pensamento crítico sejam desenvolvidos fundamentalmente pelo ensino das **humanidades**, por meio da arte e da literatura e, por isso, o espaço dessas disciplinas deve ser garantido no currículo escolar, igualmente na Educação Básica e Superior, contribuindo para a sobrevivência dos sistemas democráticos.

É necessário compreender o mundo. E para compreender o mundo, segundo Arendt (1993, p. 39), devemos ter **compreensão** da nossa realidade e a partir dessa compreensão “nos sentir em casa no mundo”.

Em termos de compreender o mundo, a grande questão apontada e analisada por Morin é admitir a **consciência** do erro e da ilusão e enfrentar o desafio da globalidade. O diagnóstico para a crise e os desafios da educação, segundo Morin, é que estamos tentando captar e resolver os problemas que são cada vez mais multidimensionais, multifacetados, planetários, transversais, com base num saber fragmentado. E, nesse sentido, Morin sugere uma reforma do pensamento que deve começar pela educação e chama a atenção para a sensibilidade de se colocar uma das finalidades centrais dos currículos escolares, o ensino e o conhecimento sobre a natureza e a dignidade humanas, bem como sobre a origem e a evolução do universo em que o homem vive para compreender sua identidade humana e despertar uma consciência terrena, cósmica e planetária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas pelos autores em questão sobre a crise na educação, o diagnóstico aponta para dissolução da autoridade familiar e docente, ensino pragmático, que prioriza a formação técnica em atendimento às necessidades do mercado de trabalho, submissão da educação aos paradigmas do crescimento econômico, esvaziamento das disciplinas das humanidades e consequentes prejuízos no desenvolvimento do pensamento, da criticidade e da capacidade humana de encontrar alternativas conjuntas para suas adversidades.

O mundo sistêmico está instalado e segue se expandindo, colocando em risco o exercício dos direitos fundamentais dos seres humanos, reduzindo pessoas a máquinas de produzir lucro, tendo suas vidas reguladas e controladas para a manutenção do paradigma estabelecido, sabotando o mundo da vida. No entanto, mesmo sendo a educação reprodutora da ordem dominante, é através dela que poderá se substancializar uma reação. Para tanto, proposições para a construção de um novo paradigma consideram o entendimento da crise da educação como uma oportunidade para uma análise crítica e profunda, abertura para o novo, sem desconsiderar as contribuições do conhecimento já sistematizado. As escolas precisam resgatar seus espaços como de fato construção coletiva do conhecimento, exercício da racionalidade comunicativa para desenvolvimento do pensamento crítico, da argumentação, da consciência, da ética, do consenso, da colaboração, da compreensão, numa perspectiva emancipatória.

Tanto Arendt, Morin e Nussbaum, quanto Habermas, reconhecem que o viés utilitarista, tecnicista e lucrativo da educação, com o abandono do cultivo das humanidades e do desenvolvimento das capacidades humanas pertinentes essencialmente ao mundo da vida, encaminham o caos planetário. Sendo assim, a educação, entendida, reconhecida e valorizada como desenvolvimento e formação de seres humanos, inseridos num espaço comunitário e planetário, num dado tempo, não pode se restringir

a produzir e reproduzir “objetos”, sendo a vida consumida em si mesma, alijando “nossas expectativas sobre a possibilidade futura da humanidade” (MÜHL, 2011, p. 1049).

Em caráter provisório, pôde-se concluir que a compreensão do mundo complexo e multicultural requer um pensamento complexo que, em paralelo com o desenvolvimento de uma “nova” ética e de uma mudança na educação, encaminhe a população terrena para, enfim, constituir-se humanidade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Compreensão e Política**. In: A dignidade da política (org. Antonio Abranches). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

_____. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A crise na educação**. 1957. Disponível em: <https://bit.ly/2jXosWK>. Acesso em 10 dez. 2018

CORREIA, Adriano. Hanna Arendt (1906-1975). **Revista Ética & Filosofia Política**. v. 9, n. 1, junho/2006. Disponível em: <https://bit.ly/2IEC5KU>. Acesso em 5 abr. 2019.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MÜHL, Eldon Henrique. Habermas e a Educação: Racionalidade Comunicativa, Diagnóstico Crítico e Emancipação. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 17, p. 1035-1050, out.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 14 dez. 2018.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

